



## ANOTAÇÕES DE LEITURA DE *O INTRUSO*, DE JEAN-LUC NANCY:

### *UM ENCONTRO COM AS VÁRIAS ESTRANGEREIDADES DE UM TEXTO*

**Leny Magalhães Mrech**

A psicanálise e o laço com o estranho vêm de longa data. Freud identificou o *Unheimliche* como aquilo que se vivencia sob várias formas de estranhamento, sobretudo, em relação ao que não se controla e inquieta.

Freud, em *O mal estar na civilização*, revela que o sofrimento nos ameaça em três direções: 1ª) a de nosso próprio corpo, que se encontra condenado à decadência e à dissolução; 2ª) a do mundo externo, que pode se voltar contra nós com força de destruição esmagadora e imperiosa; e 3ª) a de nossos relacionamentos com os outros homens. (1997, p. 25).

Em *O Intruso*, Jean-Luc Nancy (2000) lida com as diferentes facetas do sofrimento que captura o autor como um estranho, um intruso. O que acaba gerando estranhamentos de toda a ordem: o de um corpo que adocece, das agressões externas introduzidas pela ação dos medicamentos e procedimentos médicos visando salvá-lo, das mudanças nas relações que ele estabelece consigo próprio e com os demais.

A obra revela os vários momentos do posicionamento do autor em relação a esses processos. O leitor é convocado a ser mais um participante da sua jornada de encontros e desencontros com um real que o ultrapassa. Uma vivência rica de *estrangeiridades* que se desdobram em vários aspectos e perspectivas. Por *estrangeiridade* o autor concebe os seus diferentes encontros com o estranho, principalmente o estranho que se apresenta oriundo do corpo, do mundo externo e dos laços que ele estabelece consigo próprio e com a doença.

#### ***O Encontro/Desencontro com o estranho do corpo***

Para Jean-Luc Nancy, autor e personagem principal da obra, há um primeiro encontro com o real que irrompe e determina o que virá depois. Ele surge através do encontro/desencontro com o real do corpo. Ele o caracteriza como uma fratura: a queda da certeza de ter um corpo saudável. O surgimento da percepção de um intruso maior, desconcerta, desestabiliza, arrebatando com todas as certezas. Ele revela que o intruso *se introduz à força, de surpresa ou por astúcia, em todo caso, sem direito, sem ter tido de saída admitido.* (p. 3).



A partir daí, aparece uma brecha que se abre e não se fecha mais. Algo se instaura desarranjando a intimidade. O estrangeiro – com as *estranheidades* como sua decorrência - continua a vir. Há um real que não cessa de não se inscrever. A saúde foi embora, o que fica é a doença.

Ele tenta se ver frente a esse novo real do corpo. Um corpo tomado pela insuficiência cardíaca. Um corpo onde ele constata a presença do intruso. Há algo que se vivencia. Mas, quem irá receber o intruso? Nancy constata-se dividido entre o sujeito do enunciado e da enunciação. Há uma cisão que não se fecha. Ele vive a *estranheidade* da doença, sem que haja efetivamente alguém que acolha esse intruso. Fica-se apenas no plano da constatação da sua existência.

Mas o processo se prolonga ainda mais e a fratura tem continuidade: há uma hiância que se inscreve no corpo. O coração apresenta defeito. Ele precisa ser trocado. O que faz com que ele receba um enxerto. A constatação é que o seu corpo não foi suficiente para conter a doença. Algo de dentro tem que cair: o coração que não funciona. Ele tem que ser substituído por um outro. Um novo coração é enxertado em seu peito.

*Um delicado deslizamento me separava de mim mesmo. Eu estava ali, era verão, precisava esperar, algo se destacava de mim, ou esta coisa surgia em mim, ali onde não havia nada: nada mais que uma “limpa” imersão em mim de um “eu próprio” que nunca tinha se identificado como este corpo, menos ainda como este coração, e que se olhava subitamente.*  
(p. 5)

É só a partir desse momento que Nancy reconhece o corpo próprio. Um corpo não é mais completo. Um corpo onde falta um pedaço : o seu coração. Um corpo que traz um enxerto, um pedaço de fora é inserido no corpo.

O objeto a é o coração que cai. Ele é o coração que deveria estar lá, mas que não está. O coração novo é o estrangeiro que se internaliza no seu corpo. *Meu coração tornou-se me estrangeiro: um estrangeiro porque estava dentro.*

É bastante interessante constatar que nesse momento Nancy vivencia uma das formas de estrangeiro destacada por Freud: aquela do estranho familiar. O coração antigo é um estrangeiro anteriormente íntimo. Ele estava lá, mas não se percebia. Apenas a doença como uma *estranheidade* tornou-o evidente. Um coração que nunca havia sido visto, percebido. Ele apenas existia.

Surge, então, a vivência de um início da internalização do estrangeiro. O estrangeiro inscreve-se no corpo sob a forma de um coração novo. De um coração de mulher. O que antes passava despercebido ocupa agora um outro lugar. É o momento em que Nancy percebe que ele tem que aprofundar o conhecimento que ele tem dele mesmo. Do corpo ele se direciona para o eu.

***Do encontro/desencontro com o eu***



Da constatação da existência do seu corpo, Nancy se volta para o que acontece com o seu eu. Ele não se encontra mais no seu eu antigo. Há algo que se rompeu ali também. Ele constata que seu eu se encontra alhures. *Eu já não estava mais em mim. “Eu já venho de alhures, ou então não venho mais.”*. (p. 6)

Ele encontra o seu eu de braços dado com a doença. Ambos passam a significar a mesma coisa em termos de um processo identificatório. Não se trata mais apenas do seu coração se encontrar desgastado. Agora, é ele quem se sente “enferrujado, rígido, bloqueado” (p. 6).

### **O Encontro/Desencontro com o mundo exterior**

O contato com o seu eu o leva a delinear melhor a sua relação com o mundo exterior. Nancy identifica o impacto do mundo exterior em seu próprio corpo, em seu eu.

A constatação é imediata: frente à doença não é mais ele quem decide os rumos do processo. Quem decide é o Outro. O Outro social que toma a forma dos médicos que deliberam quem deverá ser salvo e quem não o será. Mais uma vez, ele sente a sua vida sendo tecida pelas mãos de estrangeiros, presa a circuitos de *estranheidades*.

No mundo, há um primeiro encontro com a morte. A sua grande questão passa a ser como isolar a morte da vida, uma vez que ele as concebe em um estreito entrelaçamento.

O estrangeiro não assume apenas o semblante da doença, da morte. Ele passa a assumir outras formas. Nancy concebe o estrangeiro de uma forma múltipla que o convoca em várias frentes.

A morte, a vida e a sobrevivência possível o interrogam. Aliás, Nancy vê a própria sobrevivência como uma outra *estranheidade* especial. As palavras não dão conta mais de dizer o processo. Ele constata a existência de um mais além da representação, da simbolização. Ele se vê frente a uma ultrapassagem do simbólico. As palavras não dão conta de dizer o que ele vive, o que sente, o que pensa.

Há outra constatação ainda: uma dificuldade de localização do que é a vida. Ele a define temporariamente como ela *não se situ(ando) em nenhuma parte (...)*. *Vida “própria” que não está em nenhum órgão e que sem eles não é nada. Vida que não somente sobrevive, mas que vive sempre propriamente, sob um tríptico estrangeiro: o da decisão, o do órgão e o das consequências do enxertar.* (p. 10).

É, então, que ele se vê frente a um paradoxo. Ao lidar com o simbólico ele constata que há um incomunicável que comunica: *“Uma possibilidade de rede em que a vida/morte é partilhada, na qual a vida se conecta com a morte, onde o incomunicável se comunica.”* (p. 11).



Os mesmos remédios que curam também lhe possibilitam a vivência de algo que o aproxima da morte. Cria-se um outro imunológico, um outro insubstituível para a saúde do corpo. Mas, há um retorno do *“intolerável da intrusão do intruso (que) é rapidamente mortal se não for tratado”*. (p. 12). Ele cai novamente sob o impacto da doença através de um linfoma ocasionado pelos remédios que ele toma.

Torna-se necessário dar um passo a mais. Ele precisa fazer um transplante de medula para desencadear em seu corpo uma outra forma de reação. Se continuar com a antiga, ele sucumbe. Uma dupla *estranheidade* se instala:

[...] *de um lado, a (rejeição) do coração enxertado, que o organismo identifica e ataca como estrangeiro, e, por outro, a do estado em que a medicina instala o enxertado para protegê-lo. Ela reduz sua imunidade, para que ele suporte o estrangeiro. Ela o torna, portanto, estrangeiro a si próprio, a esta identidade imunológica que é um pouco sua assinatura fisiológica.* (p. 12)

Com isso, mais uma vez, Nancy torna-se o estrangeiro de si mesmo. Ele tem que se defrontar novamente com o intruso. É preciso ele olhá-lo novamente de perto. Ele consegue identificar nesses processos a lei da intrusão: uma vez que ela foi produzida, se multiplica, se identifica em suas diferenças internas renovadas.

De que maneira ele pode enfrentar novamente o intruso? Nancy faz uma passagem direcionada para à descoberta da importância da identidade. Ele a concebe valendo por uma imunidade. Ele percebe que ao diminuir uma ocorre a diminuir da outra.

Isso faz com que a estranheza e as *estranheidades* atinjam um outro patamar: elas se tornam comuns e cotidianas, levando a um busca de exteriorização para o sujeito onde ele tem que se aferir, controlar, testar. (p. 12).

Nancy vivencia a existência de uma identidade distinta da anterior. Esta era uma identidade fechada. Agora ele a concebe como uma identidade *aberta, fechada* para o mundo. Há *“uma abertura onde passa um fluxo incessante de estranheidade”*. (p.13).

O “Eu” agora assume outra forma. Ele não é mais algo onde Nancy se conhece e reconhece. Ele tornou-se uma outra coisa: *“um índice formal de um encadeamento inverificável e impalpável. O irreconciliável de uma imunidade contrariada.”* (p. 14).

Mas, a luta ainda não está vencida. O câncer retorna, assumindo novamente a figura empalidecida, encarquilhada e devastadora do intruso, sob a forma da doença e da possibilidade da morte. Para enfrentá-lo mais uma vez Nancy tem que se voltar para o mundo externo, buscando na quimioterapia e na radioterapia paliativos para a doença.

Novamente, algo novo tem que se incorporado. Um novo antigo. Um componente de seu próprio corpo se exterioriza. Ele precisa utilizar suas células-tronco que ficaram guardadas. Ele passa por um “auto-enxerto”. Outra rodada do interno-externo-interno torna-se necessária.

O externo internalizado zera o seu sistema imunológico. É preciso começar de novo. A vivência desse novo momento instaura uma diferença. Algo muda. Ele se torna um sujeito transtornado



pela aventura, diz Nancy. Ele não se reconhece mais no que faz. Os sentidos antigos se perdem. Ele se torna *“uma flutuação, uma suspensão de estranheidade entre estados mal identificados, por entre dores, por entre impotências, por entre deficiências.”* (p.15)

O seu eu que, antes, se pautava pela identidade – principalmente uma identidade trazida pela doença nos últimos tempos – também precisa ser esvaziado, zerado. O eu não é mais igual a aquele que ele conhecia. O eu torna-se um *“fio tênue, de dor em dor e de estranheidade em estranheidade”*. Ele passa a se sentir uma dissociação amorfa:

*“É o que me cura que me afeta ou que me infecta, é o que me faz viver que envelhece prematuramente. (...) rejuvenescido e envelhecido de uma só vez, não mais idade própria e não tenho mais propriamente uma idade. Assim como não possuo mais propriamente uma profissão, sem estar aposentado. Da mesma maneira que não sou nada do que tenho que ser (marido, pai, avó, amigo) sem sê-lo sob esta condição generalizada do intruso, dos diversos intrusos que podem a todo o momento ocupar meu lugar na relação ou na representação de outrem. (p. 16).*

### **O Encontro/Desencontro com o excesso**

Para Nancy, a sua verdade tornou-se a própria exterioridade. E ela apresenta uma característica que é a do excesso. Ele vê o seu processo como uma exposição infinita. As diferentes faces do intruso o atormentam, forçando, exportando-o, expropriando-o.

Os seus laços com o Outro o levam a perceber que ele não está mais dentro. Está fora. Uma mutação ocorreu. Ele tornou-se um andróide de ficção científica. Um morto-vivo. Um homem que ultrapassa o próprio homem: *“Aquele que é capaz da origem e do fim.”* (p. 17).

Ele passa a se ver como outro, um Outro de si mesmo. Ele é o intruso que se tornou um outro distinto dele mesmo. Ele se sente como: *“Alguém que nunca termina de alterar-se, ao mesmo tempo aguçado e esgotado, desnudo e equipado, intruso no mundo como em si mesmo, inquietante ímpeto do estranho, **conatus** de uma infinidade excrescente.”* (p. 18).

Por último, Nancy nos fala de uma nova *estranheidade* tomando conta dele:

***Não tenho mais o intruso em mim: me tornei um, é como intruso que freqüento um mundo no qual a minha presença poderia bem ser por demais artificial ou muito pouco legítima. Tal consciência não seria de forma banal aquela de minha singelíssima contingência? Será a esta simplicidade que me conduz e que me expõe, novamente, a engenhosidade técnica? Este pensamento me traz uma alegria singular.”***

(p. 19, grifos nossos)



INSTITUTO  
DA PSICANÁLISE  
LACANIANA IPLA

O processo está consolidado: ele tornou-se o estranho e pode se criar a partir disso, modificando os seus laços com os demais e com ele mesmo.

Assim, pode-se afirmar que o livro é uma estranha trajetória da viagem de alguém que, a princípio, encontrou o intruso e que, posteriormente, tornou-se o intruso. Um caminho na direção do *êxtimo*. Do que é mais exterior/interior em nós, fazendo uma jornada da vida, passando pela morte para resgatar a própria vida.

### **Referência Bibliográfica**

FREUD, Sigmund. *O mal estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

NANCY, Jean-Luc. – *O Intruso*. Tradução de Priscila C. Laignier com a colaboração de Ricardo Parente e Susan Gugenheim. Revisão técnica de Aluísio Pereira de Menezes. Texto mimeografado. Material cedido gentilmente pelo Dr. Jorge Forbes para o Módulo do Projeto Análise.